



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

***RIDENDO CASTIGAT MORES: O PROPÓSITO DA CRÍTICA
LITERÁRIA ÀS AVESSAS NA SEMANA ILUSTRADA***

Adriana Dusilek*

A *Semana Ilustrada* foi lançada em 1860 pelo editor alemão Henrique Fleiuss (1824-1882), considerado o verdadeiro criador da imprensa humorística no Brasil. A identidade visual da revista seria inspirada na velha escola satírica europeia, e assim nasceria o Dr. Semana, “personagem cujo busto aparecerá como ilustração do logotipo do periódico. Trazendo na indumentária as marcas de sua origem, o Dr. Semana é um homem vestido à europeia”, segundo Azevedo (2010, p.26). Enquanto sua mão direita segura um exemplar da *Semana Ilustrada*, a esquerda ajuda dois bobos da corte a passar uma tira com imagens numa lanterna mágica, posicionada à frente da personagem, em cuja objetiva lê-se o lema da publicação: *Ridendo castigat mores*¹. Dr. Semana é também o pseudônimo com o qual numerosos artigos são assinados. Muitos artigos independentes,

* Doutora em literatura pela Unesp. No Mestrado pesquisou a crítica literária de Machado de Assis, e no Doutorado o romance brasileiro contemporâneo e a metamemória. Atualmente investiga a crítica literária no periódico carioca *Semana Ilustrada* (1860-1876). É uma das organizadoras do livro Machado de Assis: crítica literária e textos diversos, pela editora Unesp. Atua principalmente nos seguintes temas: romance brasileiro contemporâneo; metamemória; crítica literária de Machado de Assis; periódico *Semana Ilustrada*. É pesquisadora associada à Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos (SEO) e à Brazilian Studies Association (BRASA).

¹ Sílvia Azevedo (2010, p26-7) explica de forma mais detalhada a ilustração da *Semana Ilustrada*.

assim como as crônicas das Seções “Pontos e vírgulas” e “Badaladas” são assinadas por Dr. Semana².

Explicitando, em seu primeiro número, a diretriz satírico-humorística do periódico, o editor explica o lema e escreve ainda:

Na política, no jornalismo, nos costumes, nas instituições, nas estações públicas, no comércio, na indústria, nas ciências, nas artes, nos teatros, nos bailes, nas modas, acharemos para a *Semana Ilustrada* assunto inexaurível, matéria inesgotável para empregar o lápis e a pena (*Semana Ilustrada*, dez. 1860, p.2-3).

Nesse contexto de convite ao riso e de mostra do lado ridículo dos vários setores da sociedade brasileira é que surgem também as sátiras aos escritores brasileiros, cujas produções sem cuidado e sem talento são “matéria inesgotável” para os redatores da *Semana Ilustrada*.

Em todo o periódico, afora os comentários sobre um determinado escritor, observa-se que a figura do “literato”, do “falso literato” – principalmente se este fosse poeta –, era bastante ridicularizada.

Assim inicia o cronista, na quinta edição da *Semana Ilustrada* (13/01/61):

Ah! Os poetas pensavam que a *Semana* só debicaria os barrigudos e fiscais? Pois, não senhores; vai também debicar os tocadores de lira (os *tocadores*; entendam-me bem).

Porquanto duas qualidades de poetas distingue a *Semana*: os poetas-poetas e os poetas rimadores. O número dos primeiros é limitado; a casta dos segundos é infinita e antiga como o mundo com o qual acabará (*Semana Ilustrada*, s/d, p.35)³.

Dessa forma, o debique não se dirige aos bons poetas – os “poetas-poetas”, mas aos poetas sem talento, os “poetas rimadores”, também chamados, num certo momento, de “paciencidas”. Em outras edições ainda haverá referência ao grande número desse tipo

² José Galante de Sousa, em *Bibliografia de Machado de Assis* (1955, p.24-5) afirma que, enquanto Max Fleiús (*A Semana*, Rio, 1915, p.96-7) dá a entender que a autoria da totalidade das crônicas da Seção *Badaladas*, assinada por “Dr. Semana”, pertence a Machado de Assis, Lúcia Miguel Pereira no seu *Machado de Assis* (3. Ed, 1946, p.102) afirma que esse pseudônimo “escondeu também os nomes de Pedro Luís, Varejão, Felix Martins, Quintino Bocaiúva e vários outros”. Assim, Galante de Sousa julga melhor não mencionar esses trabalhos em seu índice cronológico.

³ As primeiras cinco edições da *Semana Ilustrada* estão sem data, mas pela própria “Declaração” da edição número 32, o primeiro número é de 16 de dezembro de 1860. A quinta edição, portanto, é de 13 de janeiro de 1861.

de poetas. Na edição 431, por exemplo, na seção “Pontos e vírgulas”, se lê que há “mais poetas entre nós que árvores nas nossas florestas” (DR. SEMANA, 14 mar.1869, p.3443).

No número 17, de 7 de abril de 1861, numa seção anônima intitulada “Crônica elegante”, há a subseção “Definições”, em que se lê: “Os *literatos* entre nós são umas massas folhadas que fazem muito barulho e ocupam muito lugar, e no entanto pesam bem pouco” (*Semana Ilustrada*, 7 abr. 1861, p.143).

Raimundo Magalhães Junior chama de “crítica às avessas” os textos que, segundo ele, Machado de Assis teria escrito num período de apenas seis meses (5 de setembro de 1869 a 21 de fevereiro de 1870), sobre textos extremamente ruins, mas fazendo elogiosos comentários a seus autores, sempre transcrevendo trechos para que o leitor formasse o seu juízo e compreendesse a brincadeira. Em nossa pesquisa de pós-doutorado utilizamos essa expressão para todos os textos que tenham essas características, independentemente de sua autoria⁴. Já identificamos, até o momento (a pesquisa não está concluída) que há manifestação desse tipo de texto pelo menos desde 20 de janeiro de 1867, e já encontramos mais de 50 ocorrências, sendo que a última seria de 13/09/74, do número 718. Assim, em pelo menos 7 anos, ainda que de forma esporádica, é possível encontrar textos de crítica às avessas. Além desses textos, há outros em que há crítica direta (e não às avessas) sobre a ruim literatura, e em outros há apenas algumas breves informações irônicas sobre autores, obras ou literatura em geral.

Essa crítica às avessas, ou crítica invertida, ao mesmo tempo em que mascara a ruim qualidade dos textos criticados, é também uma máscara do próprio gênero de crítica literária, já que mimetiza tal escritura. Há, portanto, nesse tipo de construção textual, uma sátira em duas vias: aos escritores sem talento e aos críticos parciais, que elogiam por camaradagem, como falaria Machado de Assis em “Ideal do crítico”.

Os autores mais citados são José Joaquim Martins Guimarães, Frei Manoel de Santa Isabel Alves Brandão, o Sr. Luiz, José Joaquim Pereira de Azurara e o Sr. J. Álvares, além de Fábio Ewerton, J. Esteve, Sr Carvalho, Sr. Pedreira Braga, Dr. Porto, Sr. Corrêa de Miranda, Sr. D. Antonio de Macedo Costa e Brazilino Dias. A maioria desses textos de crítica às avessas se refere a poesias.

⁴ Nosso objetivo na pesquisa não passa pelo deciframento da autoria dos textos trabalhados, embora, ao acaso, encontremos indícios bastante interessantes.

As críticas identificadas estão nas seções “Contos do Rio de Janeiro”, “Pontos e Vírgulas”, “Crônica Para-Lamentar” e “Badaladas”, além dos seguintes textos independentes: “Debique poético”; “Um poeta notável”; “O Sr. Luiz”; “Martins Guimarães”; “Coincidências fatais”; “A flor dos poetas”; “Um monumento” e “Quadros de Pintura”.

Com relação à autoria desses textos, é de se destacar que estes ou são assinados por pseudônimos, ou não possuem assinatura alguma. A identificação se torna, portanto, bastante difícil, embora haja algumas hipóteses, principalmente em relação aos textos sobre Martins Guimarães. A hipótese é a de que todos os textos sobre Martins Guimarães pertençam a Machado de Assis⁵.

O objetivo deste trabalho é refletir sobre o propósito dessa crítica literária às avessas, extremamente irônica. Se Nicolas Boileau (1636-1711), uma referência bastante citada na *Semana Ilustrada* (Machado de Assis também citava muito), em sua *Arte Poética* (1674), no fim do primeiro canto, diz: “A obra mais vulgar tem encontrado, entre os cortesãos, em todo tempo, partidários zelosos. E para terminar enfim com uma nota de sátira: um tolo sempre encontra um mais tolo que o admira” (1979, p.22). Se Arthur Schopenhauer (1788-1860), em *A Arte de Escrever* (2009, p. 70), afirmava, taxativamente:

As revistas literárias deveriam ser o dique contra a crescente enxurrada de livros ruins e inúteis e contra o inescrupuloso desperdício de tinta de nosso tempo. Com juízo incorruptível, justo e rigoroso, elas deveriam fustigar sem pudor toda a obra malfeita de um intruso, toda a sublitteratura por meio da qual uma cabeça vazia quer socorrer o bolso vazio, ou seja, aproximadamente nove décimos de todos os livros. Assim, cumprindo sua obrigação, tais revistas trabalhariam contra a comichão de escrever e contra o ardil dos maus escritores, em vez de fomentar essas coisas por meio de sua infame tolerância em conluio com autores e editores, a fim de roubar o tempo e o dinheiro do público. Em regra, os escritores são professores ou literatos que, em função de seus baixos vencimentos e péssimos honorários, escrevem por necessidade financeira.

E se o próprio Machado de Assis, em “Ideal do crítico” (1865), dizia:

Estabelecei a crítica, mas a crítica fecunda, e não a estéril, que nos aborrece e nos mata, que não reflete nem discute, que abate por capricho ou levanta por vaidade; estabelecei a crítica pensadora, sincera, perseverante, elevada – será esse o meio de reerguer os ânimos,

⁵ Tal hipótese ainda está sendo investigada, mas não é o cerne do trabalho.

promover os estímulos, guiar os estrepentes, corrigir os talentos feitos; condenai o ódio, a camaradagem e a indiferença – essas três chagas da crítica de hoje – ponde em lugar deles, a sinceridade, a solicitude e a justiça – é só assim que teremos uma grande literatura. (AZEVEDO et al, 2013, p. 236-7)

Como entender esse tipo de crítica?

A resposta estará numa frase também de Machado de Assis, em crônica das “Balas de Estalo”, em 26/01/1885, sob assinatura de Lélío : “Há pessoas que não sabem, ou não se lembram de *raspar a casca do riso* para ver o que há dentro” (ASSIS, 1998, p. 33)

Tal frase se coaduna perfeitamente ao lema da revista: “Ridendo castigat mores”. Assim, embora na aparência o crítico estivesse se unindo ao mau escritor, o que ele faz é alertar. Através do riso, o leitor deveria perceber a ironia, e saber que aquele tipo de escritura sobre o qual se escreve é um tipo a ser evitado. Os escritores deveriam, então, conhecer as regras da arte e da gramática, ter leitura, e evitar lugares-comuns (a falta desses elementos é o que aparece nos textos transcritos), e os leitores, por sua vez, deveriam ficar atentos, já que em muito do que era publicado não havia competência. Afora isso, era preciso tomar cuidado com os críticos que “levantavam por vaidade”: normalmente, amigos ou admiradores do criticado.

Uma outra questão, no entanto, se coloca: conseguiria esse tipo de texto corrigir os costumes, como seria o propósito do debique? Com certeza essa construção irônica, às avessas, não atingia a todos, mas tão somente aos mais sagazes.

Linda Hutcheon (2000), em *Política e Teoria da Ironia*, escreve sobre os que “pegam” a ironia e os que não a pegam:

Diferentemente da metáfora e da alegoria, que necessitam de uma suplementação similar de sentido, a ironia possui uma aresta avaliadora e consegue provocar respostas emocionais dos que a “pegam” e dos que a não pegam, assim como dos seus alvos e daqueles que algumas pessoas chamam de suas “vítimas” (p.16).

Muitas eram as “vítimas” que não conseguiam “pegar” a ironia dos textos, e que até agradeciam os comentários feitos.

Magalhães Junior relata um episódio em que o escritor José Joaquim Pereira de Azurara fora, de Guaratiba, até a redação da *Semana* na ilusão de que conseguiria obter

lucros com a venda de um romance que estaria terminando e de duas comédias. Tal ilusão foi fomentada pelo próprio redator, já que houvera antes uma troca de cartas entre autor e redator, que os transcrevia na *Semana* e o animava a prosseguir com a intenção de visitar a redação e de publicar suas obras. Nada tendo conseguido em sua visita, o Sr. Pereira de Azurara, sem nunca saber quem fora o autor das críticas de suas obras, escrevera uma carta a Machado, conservada por ele em seu arquivo particular, na qual lamenta o episódio, dizendo que não tinha nem dinheiro para voltar para junto de sua família, e que Machado fizesse o obséquio de vender seus escritos para ele. Termina dizendo ser teimoso e que continuaria a escrever. Magalhães transcreve com minúcias esse episódio e justifica afirmando contribuir “para mudar a imagem que alguns biógrafos procuraram transmitir de Machado de Assis, a do ‘bicho de conta’, introvertido, complexado, tartamudo, sorumbático, incapaz de um gracejo, ou de um rasgo de malícia ou jovialidade” (MAGALHÃES JUNIOR, 1981, p.67).

Outros escritores também escreviam à redação da *Semana* comentando a recepção de seus trabalhos, como o Sr. João Máximo Garcia Maciel Aranha de Souza Castro, que escrevera, por via do jornal *Correio da Bahia* “uma amabilíssima carta de agradecimento [...]” (DR. SEMANA, abr. 1871, p.4314).

Assim, nem todos tinham “ouvidos para ouvir”, lembrando o verso bíblico: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (MATEUS, 11:15). Na verdade, seria preciso mais que abrir os ouvidos. Era necessário ter a mente aberta, algo que não era para todos. Dessa forma, não apenas as críticas, mas todos os textos com sua casca de riso, necessitavam ser descascados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSIS, Joaquim Maria Machado de. *Balas de Estalo*. Org. Heloísa Helena de Luca. São Paulo: Annablume, 1998.

AZEVEDO, Sílvia Maria. *Brasil em Imagens: um estudo da revista Ilustração Brasileira (1876-1878)*.

_____; CALLIPO, Daniela M. e DUSILEK, Adriana (orgs). *Machado de Assis: crítica literária e textos diversos*. São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

BOILEAU-DESPRÉAUX, Nicolas. *A Arte Poética*. Trad. Célia Berretini. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DR. SEMANA. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n.431, p. 3443, mar. 1869.

_____. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, n. 540, p. 4314, abr. 1871.

HUTCHEON, Linda. *Teoria e Política da Ironia*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981. Vol. 2.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A Arte de Escrever*. Trad. Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2009.

Semana Ilustrada. Rio de Janeiro, n. 1, p.2-3, s/d.

_____. Rio de Janeiro, n.5, p. 35, s/d.

_____. Rio de Janeiro, n. 17, p.143, s/d.

